



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



**A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DO IMAGINÁRIO DA
POPULAÇÃO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR: UM ESTUDO SOBRE O
LUGAR DE MEMÓRIA CASA GASA**

Paulo Henrique Heitor Polon
Orientador: Prof. Dr. Valdir Gregory

RESUMO

Este artigo constitui-se na apresentação do andamento de meu projeto de pesquisa para a elaboração da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação *stricto sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Mestrado Interdisciplinar – pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *campus* de Foz do Iguaçu. Enquadrou-se dentro da linha de pesquisa – Território, História e Memória. Para a elaboração do artigo houve a necessidade de uma adaptação do projeto de pesquisa original, que foi apresentado como requisito parcial para a seleção de Mestrado Interdisciplinar em Sociedades, Cultura e Fronteiras. O presente trabalho tem o mesmo título da pesquisa e que possivelmente será igual ao título da dissertação defendida ao término do mestrado. No entanto, esta adaptação do projeto, para a elaboração deste artigo, abrange uma ampliação do projeto de pesquisa, sendo que foi agregada uma discussão teórica para uma melhor contextualização e esclarecimento sobre as práticas que serão adotadas, assim como, as explicações dos conceitos que serão tomados para a elaboração e aplicação do trabalho de pesquisa e alguns dos resultados preliminares que foram percebidos até o atual estágio da pesquisa, que está em fase inicial. Esta pesquisa está sendo realizada sob a orientação do professor Dr. Valdir Gregory, docente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – nível mestrado – Pela UNIOESTE *campus* Foz do Iguaçu. O autor do presente artigo é licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, e durante o período de graduação participou do IPAC/Lda (Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina) com sede na Casa do Pioneiro localizada no campus universitário. Realizou conjuntamente com o IPAC/Lda diversos projetos de extensão e de iniciação científica, os quais se voltaram para análises das sociabilidades e memória que os homens estabelecem com os lugares considerados espaços de memória, também dos discursos elaborados pelos diferentes atores sociais, Poder Público Local e dos grupos dominantes da sociedade londrinense. Isso resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob o



título: “‘Aqui tem História’: uma leitura sobre os usos e apropriações do lugar de memória Bosque Marechal Cândido Rondon – o ‘Bosque’”. Este trabalho se ateve das reflexões acerca das relações de apropriação que a população de Londrina e região estabelecem sobre o “Bosque”, dos discursos do Poder Público Local e das (re)significações que os homens comuns estabelecem desse lugar de memória. A escolha do tema para projeto de pesquisa atual sobre a Casa Gasa em Marechal Cândido Rondon – PR foi motivado pela observação e percepção dos diversos imaginários criados em função das características peculiares que a casa possui, e da história de vida de seu antigo proprietário.

INTRODUÇÃO

Por entender que a memória se constitui como elemento importante para a construção de identidades, tanto individuais, quanto coletivas, e uma das atividades necessárias dos indivíduos e das sociedades atuais, torna-se importante a análise deste projeto que remonta a formação de patrimônios por meio dos imaginários. Desse modo designa-se um mito fundador sobre a Casa Gasa, instituído como “lugar de memória”, termo criado por Nora (1993). Segundo este pensador, “lugares de memória” é um conceito que pode tratar-se de um monumento, de uma personagem, de um museu, de arquivos, bem como de um símbolo, de um evento ou de uma instituição. Por esse aspecto são lugares que abrangem todos os sentidos do termo desde o material; concreto ao abstrato, funcional e simbólico, ao passo que todos estes aspectos coexistam. Observando que memória e história não são sinônimas e que as mesmas se opõem em tudo, sendo que a memória é aquilo vivido e sua reconstrução intelectual é a história. Para Nora (1993) aquilo que hoje chamamos de memória é na verdade história, por isso nem tudo se distingue como lugar de memória. Para isso, o documento, o evento, o monumento etc., deve ter na sua procedência uma intenção memorialista que garanta sua identidade. Sem essa pretensão os lugares de memória são lugares de história. Ainda, para Le Goff, (2003) complementando a ideia de Pierre Nora, os lugares de memória são o que restam e se perpetuam de outro tempo, e que deixam ritos para uma sociedade (des)ritualizada, sociedade que necessita desses lugares de memória por não mais ter meios de memória. Seja pela evolução industrial e urbana que descaracterizam comunidades tradicionais fundamentadas na oralidade ou na difusão das suas origens, globalização, mídiatização e/ou o distanciamento entre a memória verdadeira, social e intocada, ditas de comunidades arcaicas ou primitivas com certo modo de apropriação do



tempo e a sociedade urbana ocidentalizada, que se faz emprego da história para organizar seu passado, portanto, existe um rompimento da memória e da História.

Estes lugares de memória se diferenciam porque normalmente são apresentados enquanto versões históricas, onde há os interesses dos grupos que detêm uma certa posição política quando determinadas lembranças são criadas em detrimento de outras. Sendo assim, falar sobre os lugares de memória pressupõe considerar suas especificidades, pois estes apresentam-se como locais selecionados por instituições e/ou grupos sociais que podem utilizá-los como um mecanismo de ação que configura novas lembranças, possibilitando a ruptura ou a conservação do poder (SCHMIDT, 2000, p.15).

Logo, a Casa Gasa constitui-se como um lugar de memória para os habitantes de Marechal Candido Rondon e região, por se tratar de um espaço onde as memórias podem ser lembradas, como também podem ser esquecidas.

Nas relações sociais estabelecidas pelos homens, a memória tem papel fundamental para a existência da vida social. A apropriação de bens culturais através das práticas cotidianas dos grupos se configura na “memória coletiva”, termo criado por Maurice Halbwachs (1990) para definir as determinações do sujeito na sociedade, e que por meio dela o sujeito torna-se social, em uma relação recíproca a memória também se constitui na vida social. Schmidt (2000, p. 10) reflete sobre o pensamento de Halbwachs sobre a memória, analisando que esta pode ser entendida “como um fenômeno social que ultrapassa questões pessoais, concentrando as relações rotineiras dos indivíduos e apresentando significados para as ações correspondentes ao tempo presente mas também tendo efetiva relações com as raízes do passado”.

A partir de então se entende que a memória coletiva não se confunde com a memória individual, na medida em que a primeira pertence à lembranças de grupos. Por meio dos grupos o passado emerge pelas narrativas dos atores sociais que compartilham lembranças comuns. Por conseguinte, a memória coletiva não está somente presente na fala dos grupos, mas também em pontos de referências coletivas, tais como monumentos, lugares, músicas e tradições estruturam a memória dos grupos.

[...] para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possam ser construída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 1990, p. 34).



Schmidt (2000, p.10) em sua releitura de Halbwachs afirma que,

o autor compreende a memória coletiva como um elemento fundamental para a vivência social – tanto na permanência quanto na continuidade das transformações – por realizar reinvenções do passado através das quais fornecem fundamentos para que os homens interpretem e vivenciem o presente, visualizando a partir de então a construção de projetos que preservem ou modificam o futuro.

Deste modo, “a noção de patrimônio cultural insere-se naquilo que é partilhado por experiências comuns” (ALMEIDA, 2007, p. 28).

Assim, devido ao processo de construção da Casa Gasa, da feição do lugar e do desconhecimento das pessoas de parte da vida do antigo proprietário – o Sr. Heribert Hans Joachim Gasa, um dos combatentes da Segunda Guerra Mundial pelo exército alemão – acresce os imaginários das pessoas em relação ao lugar. Pois o imaginário é interligado à memória das pessoas e também é difundido nos vínculos sociais que os sujeitos estabelecem entre si.

O mistério é, portanto, um grande fomentador desses imaginários. De tal modo, na vida cotidiana dos habitantes de um determinado local, significa dizer, de acordo com Martins (1992), que na vivência da cidade [não somente nas cidades, como em demais lugares onde se pode viver socialmente], os homens tecem relações e conferem sentidos à sua existência individual e coletiva. Melhor dizendo, o cotidiano é o lugar onde os homens constroem a sua história em vista das circunstâncias nas quais se encontram, em que se defrontam: passado e presente, valores e vontades, sonhos e possibilidades. Ainda seguindo esse mesmo autor, o “homem comum” faz a sua história, a “história circunstancial”, assim sendo, a definição do termo “homem comum” refere-se ao personagem anônimo do cotidiano de uma urbe, um homem que está fora da História Oficial, ou seja, dos grandes feitos documentados. Porém, ele continua sendo um agente e ator da sociedade na qual está inserido, desse modo ele cria a sua própria história, a história que não é a oficial, portanto, o que se definirá também como a “história circunstancial” (MARTINS, 2011). Todavia, esse homem simples não se reconhece nessa história que produz. O criador desliga-se da criação na práxis deste cotidiano, pois existe uma ligação entre a história local e a “história geral” na qual a história local tende a imitar a “história geral”. Há uma relação de oposição entre o homem e sua obra, motivada por uma relação alienada. Mesmo assim,



[...] a história local de modo algum imita imediatamente a História, assim também, contraditoriamente, a pesquisa e o estudo dos grandes processos históricos não reconhecem na escala dos grupos locais e dos sujeitos e suas pequenas contradições os protagonistas ocultos ou embaçados da História. Todos estão procurando o sujeito típico ideal e o protagonista mítico, que, no fundo, é irreal (MARTINS, 2011, p.132).

Portanto, mesmo que haja todo esse processo de alienação na produção da história local ela não será igual à História.

Para os órgãos oficiais, como exemplo, a Secretaria Municipal de Turismo da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, a Casa Gasa tem uma importância para o município, sendo que essa é divulgada como um dos pontos turísticos do município. Situada na área central da cidade, na Rua Santa Catarina com a Rua Independência, a Casa Gasa foi a primeira construção de alvenaria da cidade, na década de 1960. Possuindo um vasto acervo e curiosidades da história da vida de Heribert Hans Joachim Gasa e com o apoio da UNIOESTE e da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon foi fundado, em 2008, o Instituto Cultural Casa Gasa.

Pela atuação da população rondonense e região e do incentivo do Poder Público Municipal em considerar esse espaço como importante para o município, a Casa Gasa constitui-se como um lugar de memória. Considera-se, deste modo, que a “memória é constituída por pessoas, personagens” (POLLAK, 1992, p.200).

Desde a sua construção, realizada pelo próprio dono, a casa chama a atenção pelos traços arquitetônicos peculiares para a região, e devido às características internas e externas desse imóvel faz crescer os imaginários da população a respeito da casa e essa estabelece uma relação com ela, difundindo, sobre tudo, alguns sentimentos (medo, temor, curiosidade, pertencimento, etc.).

Logo, este trabalho pretende estudar as relações dos cidadãos da cidade com os lugares de memória (no caso deste artigo, um único lugar de memória) e buscará compreender como se faz a criação e/ou estabelecimento de patrimônios por meio dessas relações que a população estabelece com os bens tanto materiais quanto imateriais, principalmente. E nas relações estabelecidas pelos indivíduos com o objeto por meio do imaginário social, daí o recorte empírico em analisar a Casa Gasa pelo Imaginário Social.

Sendo assim, através de análises e observações empíricas sobre a Casa Gasa e como os cidadãos vivenciam e se relacionam cotidianamente com esse espaço instituído como lugar de memória, se apropriando e utilizando de partes, ou mesmo em momentos de sociabilidade, acredita-se ser possível revelar os significados atribuídos à memória da



cidade e região, mas também as contradições e a luta por poder simbólico que envolve o Patrimônio Cultural da cidade.

A INTERDISCIPLINARIDADE NOS ESTUDOS SOBRE OS PATRIMÔNIOS

A adoção de um estudo interdisciplinar nas questões sobre patrimônios se faz necessária quando estes objetos são dotados de complexidades, e que uma única perspectiva disciplinar não levaria em conta outras partes, mas conduziria a uma perspectiva mais especializada e enfocada apenas em um ponto adotado conforme as necessidades de cada disciplina. Nas complexidades dos objetos sobre os patrimônios (e aí estão incluídos todos os adjetivos conhecidos para definir uma área de qualificação ao termo patrimônio, por exemplo, poderia citar patrimônio histórico, patrimônio natural, e por aí seguem as demais definições. A mais recorrente e usual seria o patrimônio cultural o que torna a definição de patrimônio mais ampla, pois remete a cultura e a produção cultural, em que todo ser humano a produz, e como tal, uma casa também é uma produção da cultura, uma vez que é carregada de sentidos) são por muitas vezes enfocadas apenas as perspectiva disciplinares conforme as necessidades de cada área ou da própria pesquisa. Mas os Patrimônios por si só estão carregados de complexidades e apenas uma especialidade não poderia dar conta de todas as discussões que o objeto propõe. Em tal caso se faz necessária à discussão interdisciplinar, pois há toda uma construção histórica dos objetos, identidades, relações sociais, culturais, antropológicas e sociológicas. E quando o objeto de análise é um monumento, existem ainda as compreensões artísticas, arquitetônicas e da Engenharia. Os patrimônios, de um modo geral, também têm suas compreensões mercadológicas, turísticas, políticas e os diversos discursos que estão relacionados. Relevante é também considerar as características geográficas do ambiente onde o patrimônio está inserido, de modo a compreender as peculiaridades da área analisada. Neste sentido, para que seja dada uma melhor interpretação aos patrimônios é pertinente que haja uma articulação entre os diversos olhares advindos das ciências que estudam o tema.

O conceito de disciplina remete ao domínio de uma técnica ou de conhecimento aprofundado e/ou especializado de uma área, buscando mais rigor, clareza e exatidão. De acordo com Casanova (2006), os estudos interdisciplinares não negam a disciplina. A interdisciplina gera novos vínculos e renova vínculos anteriores entre as ciências, pois existe uma necessidade de fazer relações entre os conhecimentos, nos quais em certos momentos favorecem a pesquisa e o entendimento da realidade complexa. Na



interdisciplinaridade há a necessidade de articular os conhecimentos sobre o mundo, relacionando as análises referentes à temática. Então, para se compreender a totalidade e o conjunto, a interdisciplinaridade faz a relação entre os diversos saberes fragmentados ou divididos que conduzem o conhecimento humano no mundo contemporâneo.

A combinação de diferentes disciplinas não é um desafio simples, pois na sociedade moderna há uma crescente demanda de conhecimentos especializados, os quais devem estar voltados para determinadas finalidades, ou seja, é um conhecimento que corresponde às necessidades particulares das inúmeras áreas do saber. Todavia, a interdisciplina não busca apenas as relações e articulações de certas disciplinas com outras, busca ainda as relações das partes com o todo, do particular com o universal. A interdisciplina, como já dito anteriormente, busca novos sentidos para o conjunto, para a totalidade, principalmente em relações à sistemas complexos orientados para objetivos e para os sistemas dinâmicos.

Assim, a interdisciplinaridade vai de encontro aos estudos sobre o patrimônio. Pois há uma gama de sentidos que os homens estabelecem entre si e para com os lugares, os espaços, objetos e as imaterialidades que constituem o chamado patrimônio cultural. Desse modo, a cultura é considerada dinâmica e ampla, e é por meio dela que as relações e os sentidos são instituídos.

OBJETIVO GERAL

Compreender os conceitos de patrimônios a partir das análises dos imaginários da população de Marechal Cândido Rondon quanto à Casa Gasa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Abranger o processo histórico pelo qual passou a Casa Gasa, já que isto é importante para a contextualização do objeto.
2. Perceber através do imaginário social da população de Marechal Cândido Rondon e região como a Casa Gasa constitui-se um patrimônio.
3. Compreender os laços entre passado e presente que os habitantes da cidade e região atribuem a esse lugar de memória.

JUSTIFICATIVA



A presente proposta de projeto justifica-se pela existência de laços que a população atribui aos “lugares de memória”, tanto pelos seus usos e apropriações, quanto à identificação que é estabelecida por meio do imaginário social e suas narrativas. A própria ligação do lugar à história do município e da região pode revelar aspectos importantes sobre os seus significados no presente e os seus laços com o passado da cidade.

O recorte, por analisar a construção do Patrimônio Cultural por meio do imaginário social, assim como os usos sobre a Casa Gasa, considerada “lugar de memória”, pode também contribuir para o entendimento que a população rondonense tem sobre o Patrimônio Cultural da cidade.

METODOLOGIA

Serão utilizados desde levantamento fotográfico até entrevistas (qualitativas) com aqueles que exercem algum tipo de atividade ou que frequentam a Casa Gasa, assim como alguns munícipes. Portanto, pretendemos verificar como nesse espaço estão presentes a pluralidade e as diferenças, pelos seus usos e apropriações, emergindo uma memória (re)significada. Quando realmente esse lugar passa a ser importante para aqueles que irão ser entrevistado.

Por meio da História Oral poderá haver um desvendamento sobre a noção memorialista do lugar estudado. A opção por esse método justifica-se por apresentar elementos que, além das evidências documentais, abrange uma maior diversidade de informações sobre os diferentes pontos de vista. Para tanto, esse método nos permite o acesso de diferentes versões produzidas pelas pessoas que vivenciam os cotidianos na cidade. Os relatos dessas pessoas tornam-se importante fonte para o conhecimento dos imaginários e das origens deste. “Convém lembrar que esta fonte permite-nos visualizar fatos e opiniões sobre acontecimentos do passado a partir de estudos desenvolvidos de diferentes interpretações sobre as experiências vivenciadas por pessoas comuns” (MACCARI, 2000, p.25). Assim, a fonte oral possibilita que se analise um referencial (como a Casa Gasa) a partir de vários pontos de vista. Ainda, por meio da história oral é possível realizar um resgate da memória e das histórias circunstanciais feitas pelos homens comuns.

A memória é, assim, um olhar que se lançará em direção ao passado, recompondo lembranças assentadas na efetividade dos acontecimentos e oferecendo o passado a partir de uma forma específica de vê-lo, ou seja,



este olhar, pressupõe, portanto, que o entrevistado, ao ordenar os fatos por ele vivenciados, aproprie-se do passado. É o ato de lembrar no presente aquilo que muitas vezes havia sido esquecido. Dessa forma, é na busca das lembranças que se compõe o sentido na história do presente (MACCARI, 2000, p.26).

E no emprego desse método haveria uma melhor forma de acesso ao que chamamos de imaginário social, pois esse é, em sua maior parte, obscurecido e até mesmo esquecido e também não oficializado.

Também serão levantados e analisados documentos oficiais e extraoficiais sobre a Casa Gasa, assim como a realização de visitas a órgãos públicos, por exemplo, prefeitura, câmara, fórum, e no acervo do Instituto Casa Gasa, que abriga valiosos documentos a respeito da casa e sua construção, da história do município de Marechal Candido Rondon, além de documentos que possibilitariam um maior conhecimento da história de vida de Heribert Hans Joachim Gasa. Serão procurados nas bibliotecas da cidade, materiais (trabalhos acadêmicos, como monografias, dissertações, publicações em geral) sobre a casa, e ainda no CEPEDAL (Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná) onde provavelmente existam alguns materiais relacionados ao objeto de estudo em questão.

A adoção de métodos característicos das Ciências Sociais, como, por exemplo, a observação participante, etnografias ou como define Geertz (2008 p. 7) a “descrição densa”:

O ponto a focar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividades do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedades, fazer o censo doméstico... escrever seu diário.

No entanto, a etnografia se constitui elemento importante no entendimento da dinâmica de um determinado local e na compreensão de uma dada cultura. De tal modo,

fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os



sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

Sendo assim, as idas à campo se mostram importantes para a pesquisa, pois este método nos garante uma observação participante, além de ser um recurso necessário tanto para cientistas sociais, historiadores assim como todas demais áreas do conhecimento.

DISCUSSÃO OU REFERENCIAL TEÓRICO

O termo patrimônio cultural é amplamente difundido pelas mídias e pelo senso comum, tornando, ao mesmo tempo, conhecido e obscurecido o entendimento de seu significado. Tradicionalmente eram conhecidos os patrimônios históricos e artísticos, porém na medida em que novas áreas eram acrescentadas se fazia necessário aumentar a lista, fazendo emergir conceitos como: patrimônio edificado, arqueológico, ambiental, urbano, paisagístico, turístico e muitos outros. Assim, a expressão patrimônio cultural por abrigar essa ampla gama de termos, significados e sentidos acabou se transformando em mero lugar comum, por apresentar uma impressão de que todos conhecem ou sabem do que estão falando. Então, para melhor situar o conceito de patrimônio cultural é necessário antes conhecer os significados das palavras que o compõe. Primeiramente o conceito de patrimônio, e também as suas dimensões históricas, melhor dizendo, os sentidos que foram estabelecidos para ele durante o processo histórico. Posteriormente a esta análise inicial, conhecer o sentido antropológico de cultura.

De acordo com Funari, “patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia entre os antigos romanos, a tudo que pertencia ao pai ou ao pai de família” (FUNARI, 1999, p. 10). A ideia que se evoca é de transmissão, aquilo que é uma herança paterna, no caso de uma coletividade, transmissão não de pai para filho, mas de uma geração a outra. Esse termo, diferentemente da cultura, não introduz algumas determinações e restrições. Comumente se tem uma noção sobre o patrimônio e sobre o que é propriedade de uma pessoa, tanto para bens materiais, como bens imateriais e que também pode ser passado como herança particular. Porém no caso da cultura, ocorre a transmissão dos saberes coletivos, enquanto que a primeira seria a transmissão de bens materiais e/ou concretos.

Por esse entendimento sobre o sentido de patrimônio que vinha desde os romanos até o século XVIII na Europa Ocidental, predominavam os Estados monárquicos e religiosos, e nesses modelos de governos as populações ou súditos tinham a sua



identificação de nação com base à Casa Real (nos Estados religiosos ou eclesiásticos, como exemplo o Vaticano, a identificação não estaria vinculada à Casa Real, todavia era centrado na figura do chefe supremo de Estado, o Papa). Entre as pessoas existiam inúmeras diferenças de línguas e dialetos, de tradições e costumes, no entanto todos deviam fidelidade ao soberano que era legitimado pela igreja e pelos costumes políticos tomados nesse período. O patrimônio para essas sociedades era de caráter privado, aristocrático e se realizava por meio de coleções de antiguidades.

Após a Revolução Francesa, guiada pelos seus valores iluministas, o *ancien regime*, foi substituído pela república. A monarquia caiu levando consigo os seus fundamentos, pois estes tiveram de ser destruídos, pois então nesse momento é que o conceito de patrimônio deixa de ter um caráter nobiliárquico e passa ter uma nova compreensão, a qual é seguida até os dias atuais quando se remete a ideia do patrimônio oficial, instituído pelo Poder.

Essa nova forma de governo trazia consigo a igualdade que se refletia na cidadania dos homens. Fez-se então necessário criar a partir daí a ideia de cidadão com uma língua, costumes e tradições comuns.

O Estado nacional surgiu, portanto, a partir de um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua, uma cultura, uma origem e um território. Para isso, foram necessárias políticas educacionais que difundissem, já entre as crianças, a ideia de pertencimento a uma nação (FUNARI, 1999; p. 17).

Portanto, se convencionou que patrimônio seria um bem material concreto, como um monumento, edifício ou qualquer objeto que tenha um expressivo valor material e simbólico para a nação, pois se imaginam que neles estão contidos valores comuns que são compartilhados por todos e cristalizados na forma de Patrimônio. Assim, o patrimônio acabou sendo visto como o belo, o excepcional e o exemplar, pois tem como função representar uma nacionalidade. Conseqüentemente, as cidades que possuem monumentos e, por conseguinte, patrimônios, geralmente são consideradas palco de grandes feitos heroicos e/ou que possuem uma colonização dotada de significado histórico, ganhando assim, o título de cidade histórica, a exemplo das cidades brasileiras da época colonial.

Por esses aspectos, o discurso tradicional sobre o termo Patrimônio, comumente vinha acompanhado por “histórico” e “artístico”, por causa da relação do excepcional representado pelos grandes feitos da história. Visão atualmente questionada por aqueles



estudiosos que acreditam que a história não existe somente quando ganha importância pública visível, ela é construída cotidianamente por todos os atores sociais.

É evidente que cada grupo pode preservar o patrimônio que lhe diz respeito, seja porque ele depende em suas atividades econômicas, organização social e identidade cultural; é o que se poderia chamar de preservação “espontânea” ou funcional: uma comunidade de pescadores preserva e transmite seus equipamentos de trabalho e conhecimentos técnicos porque sem eles não sobrevive nem se mantém como grupo diferenciado. Mas o que se observa, de forma geral, é que este tipo de preservação “espontânea” está vinculado ao “atraso”, ao isolamento: no centro das coisas, a regra não é preservar, mas mudar, aperfeiçoar, progredir (MAGNANI, 1986).

Essa ideia de transmissão cultural está sujeita a diversos fatores que variam conforme as regras e o pensamento dominante das nossas sociedades (geralmente conduzidas pela lógica do capital), relacionando muitas vezes a ideia de preservação com o atraso, ou como algo que impede o desenvolvimento de um local/região.

Por outro lado, ocorre um fenômeno que poderia ser chamado de eternização. Seriam as disputas estabelecidas pelos diversos grupos sociais ou pelo Poder Público como meio de ser lembrado ou de se enaltecer. Conferindo importância e notabilidade à determinados espaços: logradouros, ruas e edificações, que na maioria das vezes são identificados como monumentos e patrimônio cultural da cidade, ou de um espaço específico, como uma praça ou local de grande visibilidade. Desse modo expressa-se o que Bourdieu (1989) considera como luta pelo poder simbólico e por capital cultural.

Em tal caso, os patrimônios (nesse aspecto refiro-me aos diversos adjetivos relacionados ao termo patrimônio, a exemplo do que foi citado anteriormente) podem ser considerados como campo de luta pelo poder simbólico, “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p.7-8). Sendo que o sentido atribuído a esse conceito não é o de um tipo de dominação que se mostra com facilidade ou está aparente, havendo a necessidade de descobri-lo onde é menos visível, (ou) onde é ignorado e/ou desconhecido. Por isso que, para um melhor e mais completo entendimento sobre a questão do Patrimônio é importante aliar com o sentido antropológico de cultura, melhor dizendo, considerar o conceito Patrimônio Cultural.

Geertz (2008) diz que o conceito de cultura pode mais confundir do que simplificar, pelo mesmo motivo de não haver um consenso sobre a definição de cultura. Mesmo no sentido antropológico existem várias tentativas de explicar o que é a cultura, e nas



tentativas de defini-la, acaba-se criando conceitos muito abrangentes, dificultando o seu entendimento. Assim, o autor propõe definir cultura como uma teia de significados e sentidos, não somente uma sistematização dos comportamentos de um dado povo, etnia, nação, mas o conjunto de condutas que definem padrões de comportamentos, instituições e ritos que os seres humanos criam e estão constantemente reelaborando.

Nas palavras de Geertz (2008 p. 4),

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Portanto, “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade” (Ibid., p.10), sendo o comportamento uma ação simbólica. Além do mais, a cultura é dinâmica, pois não há comportamento humano que não seja regido por padrões e composto de sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Ela não é um poder, algo ao qual possam ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos. Ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos com densidade. “Nesse sentido todo comportamento humano é artificial e não natural. O homem é um animal que construiu, através de sistemas simbólicos, um ambiente artificial no qual vive e o qual está continuamente transformando” (DURHAM, 1984, p. 26).

Então, a cultura é considerada como uma artificialidade criada pelo ser humano, feita para que nós vivêssemos como em um cenário. Isso se traduz na realidade da espécie humana quando é constatada uma variedade incrível de produção cultural, desde o surgimento das primeiras comunidades primitivas aos tempos atuais. Portanto, compreender a cultura é compreender também o patrimônio cultural, pois somos agentes/atores da cultura e ela se constitui como a nossa herança social.

Esta nova concepção acaba mudando a visão de patrimônio conhecida até então. Significa admitir que todo homem produz cultura (um sistema de regras e normas, um ambiente artificial necessário à existência individual e coletiva) e é por meio dela que os seres humanos se diferenciam dos outros animais, é pela cultura que o homem se constitui.

Se a cultura pode ser considerada “como um processo através do qual os homens para poderem atuar em sociedade, têm que constantemente produzir e utilizar bens



culturais” (DURHAM, 1984, p. 28), esses bens, poderíamos considerar patrimônio, assim como na análise de Magnani (em documento elaborado por ele quando foi diretor da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria da Cultura do Estado do Paraná, entre os anos de 1985 -1987), “[...] se a cultura é um conjunto de códigos o patrimônio é a série de falas que só adquirem inteligibilidade por referência a aqueles códigos” (PARANÁ, 1985, p.3). Portanto, os objetos, técnicas, espaços, edificações, crenças, rituais, costumes, entre outros, formam o que se considera como patrimônio cultural, ou seja, qualquer obra material ou imaterial que tenha essência cultural das pessoas.

Nessa perspectiva, devemos tentar definir o patrimônio em função do significado que possui para a população, reconhecendo que o elemento básico na percepção do significado de um bem cultural reside no uso que dele é feito pela sociedade (DURHAM,1984, p. 30).

Essa nova compreensão veio de encontro a um país que possui uma diversidade cultural imensa, no qual há várias manifestações culturais. Manifestações que até pouco tempo atrás eram vistas com desprezo, principalmente pelas elites e o Poder Público, os quais buscam no patrimônio um meio de se perpetuarem com a disputa do capital simbólico. O que nós consideramos por patrimônio cultural imaterial hoje, anteriormente o termo empregado para definir as práticas e manifestações culturais era “cultura tradicional e popular”. Portanto, com essa nova concepção, resplendesse no campo da luta do poder simbólico o que chamávamos de cultura popular que ganha seu espaço enquanto a cultura considerada erudita perde o espaço. Apesar de ambas serem manifestações culturais, que são produzidas por homens no seu cotidiano, as formas de apropriações se distinguem. Daí surge a divisão entre erudito e popular.

Mas o patrimônio cultural não se restringe somente as manifestações culturais, como dito anteriormente neste texto, a exemplos das danças e ritos, mas ainda as práticas sociais podem ser incluídas no rol de produção cultural. É possível pensar que todas as coisas que a cultura produz (no trabalho que a somente espécie humana faz, com o intuito de transformar a natureza em cultura, melhor dizendo, adaptar o mundo natural em um cenário nos quais podemos viver coletivamente) possam, talvez, transformar-se em patrimônios. Portanto, diante dessas análises, podemos considerar que não somente a Casa Gasa pode constituir-se um patrimônio, mas também os imaginários estabelecidos sobre ela. Assim é no conjunto, na totalidade, que o patrimônio cultural de Marechal Cândido Rondon pode se constituir.



CASA GASA: ANÁLISES ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO SOCIAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR

Situada no perímetro urbano do município de Marechal Cândido Rondon – PR, a “Casa Gasa” foi uma das propriedades do Sr. Heribert Hans Joachim Gasa. Está localizada na área central da cidade, na esquina entre a Rua Santa Catarina e a Rua Independência. A partir do momento em que ele começou a construção da casa, também se deu o início de imaginários a respeito da sua vida e da casa que estava sendo construída.

Esses imaginários permanecem, ainda nos dias atuais, sustentados pelo desconhecimento de parte da história da vida do Gasa – um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial pelo Eixo – e por suas práticas cotidianas incomuns para a época (formação intelectual, autodidatismo, gosto por cálculos complexos e um vida de pouca sociabilidade). Antes de vir para o Brasil, Gasa estudava medicina na Alemanha no período em que participou da Segunda Guerra Mundial. 15 anos após a batalha ele vem para o Brasil à convite da família Seyboth, deixando na Alemanha sua família. Reconstrói uma nova vida no Brasil, exercendo o ofício de ótico. Elabora e constrói a sua misteriosa casa que segundo ele era uma mistura de diferentes culturas – inca, bizantina e europeias. Existem ainda os imaginários estabelecidos por causa das características arquitetônicas peculiares criadas por ele próprio. Esses aspectos foram e são um campo úbere na formação do imaginário social. A casa possui diversos quartos, muitas janelas e portas. Portas que dão passagem à outros cômodos, armários falsos e cômodos com muitas tomadas (o que para os padrões da época em que a casa foi erguida, durante a década de 1960, não havia necessidade, pois as pessoas não possuíam tantos eletroeletrônicos como atualmente). Essas características para muitos indivíduos geram certa curiosidade, admiração ou angústia, devido às vontades de querer desvendar os mitos formados. Mas uma vez que esses mitos fossem todos descobertos, talvez o interesse de conhecer, de buscar, ou admirar a casa não teria mais tanto sentido.

Um dos mais famosos imaginários criados sobre a Casa Gasa seria a existência de um túnel subterrâneo que faria uma ligação da casa ao Hospital Filadélfia (Hospital psiquiátrico da região, localizado em Marechal Cândido Rondon) e à Casa da família Seyboth (em frente ao Hospital). Se verídico o fato imaginado, o túnel em questão teria uma extensão em torno de 600 a 700 metros. Um túnel que, pelo imaginário, serviria como um abrigo ou uma forma de escapar de alguma perseguição. Aliás, os móveis e armários falsos, assim como as portas que dão para outros caminhos, permitem pensar



que a pessoa que vivia nesta casa estava, talvez, sendo perseguida ou estava prevendo que haveria uma perseguição ao mais tardar. Como Gasa foi um combatente da segunda guerra mundial, ele poderia ter pensado em criar uma estrutura de casa para residir que proporcionasse a sua segurança. Porém, são somente hipóteses.

Outra história que o imaginário propõe é que Gasa ou alguma outra pessoa realizava experimentos com humanos em um dos cômodos bem retirados, na parte subterrânea da casa. Esse imaginário seria uma proposta de explicação para a existência de inúmeras tomadas de energia, pois haveria a necessidade de vários instrumentos ligados ao mesmo tempo. Essas “estórias” são fruto de uma leitura das pessoas sobre a figura de Gasa, por muitos indivíduos ele era considerado um nazista, caracterização que ele mesmo desmentia nas diversas vezes em entrevistas que cedia a imprensa local. O imaginário se fundamenta por causa de seu comportamento estranho à sociedade rondonense. Gasa era de poucos amigos, não participava de clubes, etc., um sujeito de comportamento curioso, além de possuir um gênio autodidata e uma intelectualidade voltada às ciências exatas. Logo chamaria muito a atenção das pessoas, o que passava a motivar ainda mais os imaginários sobre ele.

Já no final da década de 1960, no período da Ditadura Civil-Militar brasileira, são produzidos documentos que buscavam comprovar que haviam grupos de alemães nazistas em Marechal Cândido Rondon, e esses documentos foram divulgados na imprensa local e regional. Sem bases concretas para fundamentar essas afirmações, esses documentos teriam apenas por base os imaginários criados acerca da Casa e de seu proprietário.

Atualmente a Casa Gasa é sede do “Instituto Cultural Casa Gasa” com o apoio da UNIOESTE e da Prefeitura de Marechal Cândido Rondon, sendo que o imóvel pertence à Dorothea Kocko Gasa, viúva de Joachim Gasa. O local está aberto para visitas, sendo que também ocorrem alguns projetos de pesquisa e extensão vinculados à Universidade.

Esse espaço ganhou uma maior notabilidade pelo Poder Público Local quando foi divulgado no site da Secretaria Municipal de Turismo. A Casa Gasa transformou-se em ponto turístico do município de Mal. Cdo. Rondon. No entanto, o projeto de bem público/patrimônio não está tão simples de se tornar concreto. O imóvel continua pertencendo a um dono particular, e a ajuda dos apoios – Universidade e Poder Público Local – é insuficiente para mantê-lo ativo. Portanto, a manutenção do imóvel pode ser comprometida e a locação do local para usos diversos poderia ocasionar na descaracterização do lugar, além de ocasionar algumas dificuldades ou impossibilitar a visita.



No entanto, a Casa Gasa desde a sua construção tornou-se um tanto curiosa para a população de Marechal Cândido Rondon e região, despertando o imaginário social. Gasa afirmava que em sua casa havia uma confluência de diversas culturas nos traços arquitetônicos e nas decorações internas. Como exemplo, um mosaico de ladrilhos formando a figura de um pássaro, que, segundo o seu autor (Gasa), é a representação do Condor Andino, símbolo do império Inca. Porém, por muitas vezes é confundido com a ave representada na insígnia utilizada nos uniformes da SS (um dos exércitos alemães nazistas). Essa comparação é dada a semelhança das duas figuras e, aliada aos imaginários da população, essa imagem se remete à suposta identificação de Gasa com o nazismo. Mesmo que oficialmente Gasa negasse qualquer relação entre as figuras e dele mesmo com o III Reich. No entanto, em muitas culturas aves com asas abertas são utilizadas como símbolos culturais.

Através de todos esses imaginários advindos dos mistérios das interlocuções de homens comuns nos discursos sobre a Casa Gasa e seu proprietário, pode-se constatar até o momento, a formação de uma identidade dos cidadãos de Marechal Cândido Rondon. Identificação essa, relacionada também com outra identidade, a da germanidade. Incidida dos costumes, hábitos, linguagem comuns compartilhada pela maioria dos colonizadores e parte da população de Marechal Candido Rondon e cidades vizinhas.

Assim, o que faz a casa de Heribert Hans Joachim Gasa tornar-se a “Casa Gasa” são os frutos das relações que as pessoas tecem no seu cotidiano, motivadas sempre pela memória, pela História Oficial, pelas histórias circunstanciais produzidas pelos atores sociais. E claro, por meio dos imaginários: produzidos, difundidos e reproduzidos pelos indivíduos, oriundos dos mistérios que rondam o lugar.

RESULTADOS E PONDERAÇÕES PARCIAIS

Conforme escrito por Willemann (2006),

um patrimônio pode ser tanto público como privado e tem a especificidade de “guardar” vivas as memórias “coleccionáveis” adquiridas durante a trajetória de uma determinada pessoa, instituição, de um lugar ou coisa que mereça ser destacada, bem entendida nos estudos das representações (WILLERMANN, 2006, p.7).



Portanto, a casa tende configurar-se em um patrimônio, pois para muitos, a Casa Gasa é a representação de um período da história de Marechal Cândido Rondon, também do processo de migrações e de colonização que aqui se configurou.

No atual andamento do trabalho, ainda no início, não é possível concluir um resultado preliminar conciso. Mas as primeiras impressões mostram que há uma necessidade de compreensão total do objeto da pesquisa. Pois para a população, conduzida pelos seus imaginários, estabelece um sentido ao lugar e esse gera também sentimentos de pertencimento. Significam e (re)significam os discursos que refundam sua identidade de origens e ascendências, remetendo à colonização e enaltecendo o labor dos colonizadores, assim como a sua origem de ascendência germânica. Em vista disso, não pode se excluir o processo histórico por qual passou a casa, pois se denota uma relação tênue entre o processo migratório que houve com a história da própria casa.

Para nenhum grupo humano o espaço vital é um conjunto de objetos físicos vazios de significados. Toda cultura, antiga ou moderna, de nações políticas e socialmente complexas ou de pequenos grupos de caçadores e coletores nômades, transforma o 'espaço físico' em 'lugar', 'território' ou 'lar'. Essa regra não se amplia a somente os espaços privados, ao interior de casas ou aos locais de culto. Ruas, caminhos, praças, campos montanhas, rios, praias e mar são apropriados pelos grupos humanos de acordo com concepções que são próprias de seus modos de vida (ARANTES, 1984. P.9).

Esses espaços, por meio das significações realizadas pelos atores sociais, promovem um constante diálogo entre presente e passado, constituindo os denominados "laços de continuidade entre passado e presente" (ARANTES, 1984, p. 8), dessa assertiva, apreende-se a relação dinâmica entre passado e presente, pois é a partir de um elemento do presente que nos remetemos a algo que aconteceu no passado.

Com isso, remetem-se as análises dos imaginários sobre a Casa Gasa, pois são fundadas dessa relação entre o passado e o presente, além de que a Casa Gasa guarda uma variada quantidade de objetos:

[...] fotografias, retratando principalmente a cidade de Marechal Cândido Rondon; uma biblioteca contendo livros escritos em idiomas como o alemão, português e inglês, principalmente dentro das áreas de literatura, física, história, biologia, e geografia; uma coleção de selos; diversas câmeras fotográficas e objetos similares da área; variados equipamentos e objetos relacionadas com a ótica; suas pesquisas; um romance manuscrito na língua alemã; filmes de 8 mm mostrando o início do processo de colonização do município de Marechal Rondon (WILLEMANN, 2006, p. 29).



Além disso, conforme reportagem publicada no “O Paraná”, publicação periódica diária de Cascavel e região, o Instituto Casa Gasa com sede na casa em questão, guarda um material inédito sobre a Segunda Guerra Mundial, são rolos de gravações que retratam cenas da época das quais ainda não se tem conhecimento. E segundo a jornalista Juliete Manfrin (2012) o Instituto não dispõe de verbas suficientes para a execução de restauração e conservação desses *tapes*.

Espera-se que esse trabalho resulte na ampliação do sentido de apropriação da população com os seus bens coletivos e/ou comuns e na descoberta de novos patrimônios e das relações da população com os eles.

REFERÊNCIAS CITADAS

Arantes, Antônio A. (org) (1984) Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense; Condephaat.

Almeida, Ana Maria Chiarotti de; Adum, Sônia Maria Sperândio Lopes (2007) Memória e cotidiano do Bosque. Londrina: Eduel.

Bourdieu, Pierre (1989) O Poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

Casanova, Pablo Gonzáles (2006) As novas ciências e as humanidades: da academia à política. São Paulo: Boitempo.

Durham, Eunice (1984) “Cultura, patrimônio e preservação”, In: Arantes, A. A. Produzindo o Passado. São Paulo: Brasiliense.

Funari, Pedro Paulo Abreu; Pelegrini, Sandra de Cássia Araújo (2009) Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Geertz, Clifford (2008) A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC.

Halbwaschs, Maurice (1990) A memória coletiva. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda.

Le Goff, Jacques (2003) História e Memória. São Paulo: Editora da Unicamp.

Maccari, Neiva Salete (2000) Memória(s) e mito político: reflexões teóricas. In: Lopes, Marcos A. (org), Espaço da memória: fronteira. Cascavel: Edunioeste.

Manfrin, Juliet (2012) “Instituto quer apoio para recuperar filmes inéditos da 2ª Guerra: documentos trazidos da Alemanha pelo ex-combatente estão guardados em banco”. O Paraná, Cascavel, 15 jan. 2012. Seção Cidades. Disponível em: <<http://www2.oparana.com.br/cidades/instituto-quer-apoio-para-recuperar-filmes-ineditos-da-2a-guerra-7612/>> Acesso em 20 jun. 2012.



Magnani, José Guilherme Cantor (1986) Pensar grande o patrimônio cultural. **Lua Nova:** Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 3, n. 2, dez.. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 22 jun. 2012.

Martins, José de Souza (1992) Subúrbio. Vida cotidiana e história da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: HUCITEC.

Nora, Pierre (1993) “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) São Paulo, V.10, p. 7-28.

Paraná, Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte. Coordenadoria do Patrimônio Cultural. (1985) Patrimônio Cultural: notas para discussão (versão preliminar). Curitiba, 9p. Mimeografado.

Pollak, Michael (1992) “Memória e identidade social”. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, p. 200-215.

Schmidt, Róbi Jair (2000) Memória(s) e mito político: reflexões teóricas. In: Lopes, Marcos A. (org), Espaço da memória: fronteira. Cascavel: Edunioeste.

Willeman, Loreni (2006) a construção do imaginário sobre Hans Gasa. Trabalho de Conclusão de Curso, História. Unioeste.